

40 ANOS SEM O REPÓRTER ESSO

*Luciano Klöckner*¹

RESUMO: Principal síntese noticiosa mundial, *O Repórter Esso* emitiu as primeiras edições em 1935 nos Estados Unidos. No Brasil, os acordes característicos do noticiário foram ao ar pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro em 28 de agosto de 1941, despedindo-se dos ouvintes em 31 de dezembro de 1968. Se estivesse em atividade, a síntese noticiosa de cinco exatos minutos, que foi reproduzida em 15 países e por 60 emissoras, completaria 67 anos em 2008. No ano em que a Imprensa brasileira comemora dois séculos, oficialmente completam-se 40 anos de ausência do noticioso nas emissoras brasileiras. O registro histórico de *O Repórter Esso* reveste-se de extrema importância, pois ele ainda permanece presente e com o modelo reproduzido na memória jornalística dos veículos eletrônicos e impressos. Sob o ponto de vista radiojornalístico, revelou conceitos seguidos até hoje por emissoras de rádio e de televisão, por jornais e mesmo pela internet; ideologicamente, demonstrou que a notícia não é imune às pressões políticas e de propaganda, como ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial e na campanha do Petróleo é Nosso.

PALAVRAS-CHAVE: O Repórter Esso; síntese noticiosa; radiojornalismo; televisão; internet; propaganda; Segunda Guerra Mundial; O Petróleo é Nosso

1. 31 de dezembro de 1968²

E atenção, durante 27 anos, O Repórter Esso, a Testemunha Ocular da História, esteve presente aos mais importantes acontecimentos ocorridos no Brasil e no Mundo./Entrando no ar, pela primeira vez em agosto de mil,941, durante os seus primeiros quatro anos de vida o Repórter Esso foi sempre o primeiro a dar as últimas da Segunda Grande Guerra Mundial./ Assim, nesta sua última edição radiofônica, pode o seu Repórter Esso recordar as mais sensacionais informações transmitidas para todo o Brasil e em toda a sua vida, autêntico recorde de manutenção no ar de um programa noticioso.//

1941: os japoneses atacam a base norte-americana de Pearl Harbour.///
1948: o Partido Comunista do Brasil é colocado fora da lei./ O Brasil o rompe relações com a União Soviética.///

¹ Doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), professor da Faculdade de Comunicação Social – FAMECOS/PUCRS. A tese de doutoramento tratou da síntese noticiosa O Repórter Esso e a Globalização.

² Parte final da última edição no rádio de *O Repórter Esso*, irradiada pelo locutor Roberto Figueiredo, em 31 de dezembro de 1968, no Rio de Janeiro, na Rádio Globo.

1950: os comunistas atravessam o paralelo 38./ Começa a guerra da Coréia.///
1954: suicídio de Getúlio Vargas.///
1956: a União Soviética esmaga pela força a rebelião anti-comunista na Hungria.///
1959: Fidel Castro vence a revolução cubana.///
1964: revolução brasileira nas ruas./ Deposto o senhor João Goulart.///
1968: Estados Unidos em foco./ Assassinados Luther King e Robert Kennedy./ Os americanos fazem a primeira viagem em torno da Lua.///
O Repórter Esso um serviço público da Esso Brasileira de Petróleo e dos revendedores Esso encerra aqui o seu período de apresentações através do rádio./ Boa noite ouvintes, e feliz Ano Novo, são os votos da Esso.///

A última edição de O Repórter Esso ainda ressoa não só nos ouvidos dos antigos ouvintes, mas como modelo que permanece ativo nas edições radiofônicas, do jornalismo impresso e on-line. O locutor Roberto Figueiredo ³, que ficou 6 anos na apresentação da síntese, de 1º de janeiro de 1963 até o último noticiário, conta que disputou a vaga com mais de 300 candidatos. Primeiro fez locuções eventuais como substituto de Heron Domingues que ficou como titular por 18 anos. Coube a ele, transferir-se, junto com O Repórter Esso, da Rádio Nacional para a Rádio Globo em 1º de janeiro de 1966, e fazer a leitura da última edição:

“Eu percebi que a última edição significava o fim, o sepultamento, e eu estava ali sozinho praticamente segurando a alça do esquife para colocá-lo na tumba. Aquilo me entristeceu muito porque vivenciei muitas das emoções do Repórter Esso e da força, do prestígio do noticiário, e percebendo que aquela chama estava ali se extinguindo. E sem a presença daqueles que, em épocas passadas, eram só louvores para o Repórter Esso, da McCann-Erickson, da própria Esso... Não tinha ninguém na última edição. Era eu somente diante do microfone da Rádio Globo, nos idos de 69, levando aquele caixão, sozinho. Aquilo me levou às lágrimas tanto que quando estava em meio a última edição não consegui conter a emoção. Chorei copiosamente e fiquei impossibilitado de concluir a leitura do noticioso. O locutor que estava ao lado, pegou o jornal e também trôpego e extremamente nervoso e tenso, continuou lendo. E eu depois, tentando me refazer, apanhei novamente o script das mãos dele e concluí a edição do jornal, mas ainda com o enunciado entrecortado pela emoção. O locutor era o Plácido Ribeiro [...]. Então, foi um acontecimento muito triste. Não discuto a correção da medida. Eles tinham as implicações comerciais que foram muito mais altas do que tudo, creio. Não discuto, mas a gente sempre lamenta, e eu estava

³ Entrevista concedida ao autor em 14 de julho de 1997 no Rio de Janeiro.

envolvido. E aquele Repórter Esso me evidenciava muito a imagem também. Eu estava ali praticamente simbolizando, corporificando aquele noticioso [...] De modo, que aquilo me deixou extremamente entristecido, muito apagado, consternado, lamentando muito. E ainda nos dias e meses e até alguns anos que sucederam ao término dele ainda guardava a esperança do seu retorno. Eu mesmo tinha uma certa dificuldade em me desprender da imagem do Repórter Esso. Mas os anos foram passando, as coisas foram se redirecionando dentro do rádio mesmo e hoje é uma lembrança muito agradável”.

Para Roberto Figueiredo, o Esso foi a grande escola do radiojornalismo e do telejornalismo, “pois os pilares, a estruturação dos departamentos de notícia está muito calcada no que foram os primórdios do jornalismo da Rádio Nacional, em que o próprio Heron era o diretor-geral, além de apresentador do Repórter Esso”. De acordo com ele, a constituição de apuradores, de como fazer, como não fazer, os manuais, os decálogos, constituíam-se numa bússola, que deixaram ensinamentos aplicáveis e adaptáveis aos novos meios, como a televisão, por exemplo.

Um fator que contribuiu de forma decisiva para que esse formato noticioso obtivesse sucesso está na riqueza de acontecimentos nas décadas de 40, 50 e 60. Nos anos de estréia, O Repórter Esso constituiu-se no principal arauto da difusão das notícias da Segunda Grande Guerra (1939-1945) e de conflitos mundiais que se sucederam. Na década de 50, além da Guerra Fria, acompanhou os desdobramentos políticos internos no Brasil, com ênfase no suicídio do presidente Getúlio Vargas em 1954. Nos anos 60, a industrialização brasileira e a corrida espacial preponderaram nos noticiários, embora quando o homem pisou na Lua em meados de 1969, O Repórter Esso já não mais estivesse fora do ar.

2. A edição

O noticiário sintético surgiu nos anos 30, quando as empresas de jornais impressos passaram a temer a concorrência do rádio. Houve a formalização de acordos⁴

⁴ Em 1933, nos Estados Unidos, houve um acordo entre as agências de notícias AP – Associated Press, UPA – United Press Associations e INS – International News Service e as emissoras de rádio. As informações seriam repassadas às rádios, desde que os noticiosos tivessem duas edições diárias de, no

que permitiram a exibição de noticiosos sumários. Em vista disso, os especialistas no ramo trataram de desenvolver maneiras de apresentar a notícia que cativassem o público. De início, o fato para ser incluído na síntese deveria se revestir de interesse, importância, atualidade, veracidade, oportunidade, relevância, entre outros requisitos (BAHIA, 1990, p. 36), acrescido ainda da definição do público da emissora, da filosofia da organização e das normas editoriais de cada empresa.

Apesar da existência de manuais radiofônicos desde os anos 20, coube ao Repórter Esso, inicialmente nos Estados Unidos e depois em mais de uma dezena de países da América, implantar o modo especial de edição, em que cada detalhe, desde a confecção da notícia até a sua leitura, fosse estudado cuidadosamente. A primeira edição de O Repórter Esso no Brasil⁵ entrou no ar em 28 de agosto de 1941, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, às 12h55min⁶. O noticiário era patrocinado pela Standard Oil of New Jersey, produzido pela United Press Associations⁷ e supervisionado pela McCann-Erickson Corporation – todas empresas norte-americanas. Tinha exatos cinco minutos de duração, frases diretas e curtas, caracterizando-se como um serviço de informações internacionais de guerra. Com o Repórter Esso, o rádio começa a desenvolver uma linguagem própria, definindo conceitos de locução vibrante, pontualidade, objetividade e credibilidade, precedido por uma vinheta musical. Até aquele momento, não havia o ordenamento sistemático das notícias e nem uma hora precisa, exata para ir ao ar, embora as informações fossem divulgadas, de forma diluída em meio à programação, sem tratamento especial, sem regras, sem tempo determinado.

O Repórter Esso não foi exclusividade brasileira. Desde 1935, já existia nos Estados Unidos. Em setembro de 1942, estava presente em 15 países do Continente

máximo, cinco minutos cada uma. As agências de notícias, a maioria ligada a grandes jornais, temiam a concorrência com o rádio. A partir do acordo, as emissoras passaram a veicular informativos de curta duração (ORTRIWANO, 1990, p. 45).

⁵ Na televisão, O Seu Repórter Esso estreou no dia 4 de maio de 1952, na TV Tupi do Rio de Janeiro (Canal 6), onde permaneceu durante 18 anos, até 31 de dezembro de 1970, transmitido ao vivo.

⁶ O modelo foi seguido, a partir de 16 de julho de 1942, por três novas emissoras, onde o Repórter Esso começou a ser transmitido: a Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte (Minas Gerais), a Rádio Clube, de Recife (Pernambuco), e a Rádio Farroupilha, de Porto Alegre (Rio Grande do Sul). Em cada Estado, o Repórter Esso tinha um locutor diferente.

⁷ O Esso era todo produzido, no início, pela UPA, que a partir da fusão com a INS, em 1958, passou a denominar-se de UPI – United Press International

Americano (Estados Unidos, Argentina, Brasil, Costa Rica, Cuba, Honduras, Nicarágua, Panamá, República Dominicana, Porto Rico, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile e Uruguai). As informações sobre acontecimentos mundiais chegavam à UPA (United Press Associations), diretamente dos Estados Unidos. Com isso, dentro da agência foi necessário criar uma estrutura redacional para O Repórter Esso, embrião para outras a instaladas nas emissoras a posteriori. As notícias, 13 em média, eram selecionadas, colocadas em ordem, adaptadas à linguagem radiofônica e redigidas conforme as regras do *Manual*. A edição definitiva era concluída cerca de meia hora antes de O Repórter Esso entrar no ar.

O controle do tempo estava estipulado em contrato celebrado entre a Standard Oil (Esso) e as emissoras de rádio. O noticioso deveria começar e terminar pontualmente. Por isso, desde a vinheta inicial e final, incluindo as falas do locutor, tudo era cronometrado. A abertura e o encerramento, juntos, duravam 30 segundos. Outros 30 segundos eram destinados ao comercial. Restavam, portanto, quatro minutos para as notícias. O total de cinco minutos equivalia, aproximadamente, a 70 linhas ou entre duas a três folhas de ofício datilografadas.

A seleção das notícias nas sínteses noticiosas⁸ começa por apontar, sob a forma de *Plano de Edição (Mapa)*, os assuntos fundamentais da edição (fato mais importante do dia, repercussões, pautas exclusivas, observações, etc.) e os secundários. A edição em boletins noticiosos (agrupamento de notícias) é organizada em ordem crescente e/ou decrescente de importância, conforme a singularidade de cada noticiário e de cada emissora. O processo de edição das sínteses está baseado na junção de notícias, aproximadas, normalmente, pela similaridade de assunto.

⁸ A origem da síntese noticiosa está ligada ao *Repórter Esso*, que serviu de modelo a um tipo de classificação: a do *repórter*, definido como “informações sobre diversos fatos, de âmbito local, nacional e estrangeiro, transmitidas, em horários certos, e cuja emissão global, incluindo o comercial da firma patrocinadora, não ultrapassa cinco minutos”. (LIMA, 1970). Posteriormente, é que os noticiosos sintéticos, entre cinco e 10 minutos, foram considerados *sínteses*, denominação usada atualmente.

O *Manual Radionoticioso de la United Press en America Latina* (COPELAND, 1944, p. 20), precursor dos demais manuais de *O Repórter Esso*, estipulava que “os editores e redatores de notícias de rádio devem pesar constantemente a importância de cada acontecimento, seu interesse, seu atrativo e ouvi-lo, tal como será transmitido no serviço diário irradiado”.

O manual consagra um capítulo ao *Repórter Esso*, classificado nos anos 40 como um **boletim fechado de notícias**, “cujo estilo é o de citar o ponto de procedência da notícia (local), seguido pelo relato resumido do acontecimento”. A publicação cita um estudo, da época, relatando que as pessoas não se prendiam muito a uma informação muito longa e preferiam saber o essencial de várias notícias. Em cada edição de *O Repórter Esso*, de cinco minutos, o locutor deveria ler 600 palavras, permitindo umas 12 a 13 notícias de 50 palavras cada uma.

As noções de edição sugeriam equilíbrio na distribuição das notícias, especialmente em relação às informações locais e estrangeiras. Paralelamente, estimulavam a inclusão de temas de interesse humano, de esportes, de cultura (cinema), etc. Indicava ainda ser importante abrir o boletim com uma notícia urgente, mas detalhando-a, depois, no final da edição. O ritmo de leitura e de inserção de cada notícia estava contemplado nas orientações, que serviam e servem de base até hoje para noticiosos semelhantes no rádio, na televisão e na internet.

Por analogia, compara-se à edição de uma síntese por similaridade a um jogo de cartas, em que são montados pares, trincas, com fatos que estabeleçam conexão e possam ser melhor compreendidos pelo ouvinte. As manchetes e destaques têm o objetivo de causar impacto, atrair a audiência para o noticiário. O fundamental, porém, é manter a expectativa até o fim, o que é feito organizando as notícias meticulosamente em ordem crescente de importância.

ESQUEMA BÁSICO DA EDIÇÃO DE SÍNTESE NOTICIOSA, CONTENDO O MODO TRADICIONAL DE ESTRUTURA, O NOVO, A FUNÇÃO, A PROCEDÊNCIA (LOCAL, ESTADUAL, ETC.), AS EDITORIAS/ASSUNTOS E O ORDENAMENTO DAS NOTÍCIAS (ORDEM CRESCENTE E DECRESCENTE DE IMPORTÂNCIA).

MODO TRADICIONAL	NOVO MODO	FUNÇÃO	PROCEDÊNCIA	EDITORIAS/ ASSUNTOS	ORDENAMENTO
Característica no início e no fim do noticiário.	Característica roda no início e no encerramento, mas há uma cortina de sustentação durante todo o noticiário.	Atrair o ouvinte			
MANCHETE/ ABERTURA	ABERTURA/ 3 MANCHETES/ 1 NOTÍCIA		LOCAL ESTADUAL REGIONAL NACIONAL GLOBAL	GERAL ECONOMIA POLÍTICA POLÍCIA ESPORTE EDUCAÇÃO COMPORTAMENTO	
Comercial com Voz masculina	Comercial com voz feminina	Patrocínio			
1º BLOCO ou BLOCO INICIAL	1º BLOCO ou BLOCO INICIAL (Mais curto que o tradicional, com inserção da fala do entrevistado)	Abertura do bloco com notícia importante para introduzir o ouvinte no noticiário.			ORDEM CRESCENTE E/OU DECRESCENTE DE IMPORTÂNCIA, ALTERNADAMENTE
	Mais 2 MANCHETES				
	2º BLOCO ou BLOCO INTERMEDIÁRIO	→			
	MAIS 1 MANCHETE				
Comercial	Comercial	Patrocínio			
BOLETIM DO TEMPO	BOLETIM DO TEMPO (Voz feminina)	Condições do tempo, pressão atmosférica, umidade relativa do ar, temperaturas(máx./mín)			ORDEM CRESCENTE DE IMPORTÂNCIA ATÉ AS NOTÍCIAS PRINCIPAIS
2º BLOCO ou BLOCO FINAL	3º BLOCO ou BLOCO FINAL	Noticias MAIS importantes – de maior abrangência pública e anunciadas em manchete.			
ENCERRAMENTO		Despedidas, nome do noticiário, próxima edição.			

Fonte: Edição em *Jornalismo: ensino, teoria e prática*. Santa Cruz: Edunisc, 2006, página 87 (Vários autores).

Entre as sínteses noticiosas mais antigas do País destaca-se o *Correspondente Guaíba-Aspecir* (ex-Renner) da Rádio Guaíba de Porto Alegre/RS, que data de 1957, com a estrutura semelhante ao de *O Repórter Esso*. Em termos de antiguidade, *O Globo*

no Ar, da Rádio Globo, está na mesma categoria, o mesmo ocorrendo com *O Repórter Petrobrás* (atual Correspondente Ipiranga), da Rádio Gaúcha de Porto Alegre, de meados dos anos 50, concorrente de *O Repórter Esso*. Noticiários de tempo inferior aos 5 e 10 minutos surgiram neste período, sendo o de maior amplitude, por ser divulgado em rede nacional, *O Repórter CBN*, da Rádio CBN, Rio de Janeiro/RJ.

Em alguns, como o *Correspondente Ipiranga – Rede Gaúcha SAT*, da Rádio Gaúcha de Porto Alegre/RS, o tipo de edição não se restringe mais à similaridade de assunto, aproximando-se dos radiojornais e das radorrevistas. A separação nos dois únicos blocos de notícias (inicial e final) deixa de existir (*ver quadro anterior, coluna novo modo de edição*). No caso do noticiário citado, que foi ao ar pela primeira vez neste novo formato em 3/1/2005, a tradicional manchete única foi substituída por três destaques com o acréscimo de mais um bloco.

Cada um dos três blocos apresenta autonomia de fluxo editorial (ordem crescente e decrescente de importância), sendo inseridas, em algumas notícias, a fala de um entrevistado de, no máximo, 15 a 20 segundos, conferindo autenticidade da própria fonte à matéria. A novidade é que um jornalista passa a narrar os fatos, ao invés do locutor-radialista, e vozes femininas lêem o boletim meteorológico e o comercial. Entre os blocos, há chamadas para a notícia e/ou notícias principais que preencherão o módulo seguinte.

3. Um modelo de permanência

A estrutura da síntese noticiosa de *O Repórter Esso*, observada ainda em vários noticiosos do País, é uma das características que permanece ainda hoje não só no rádio e na televisão ou na internet, como também em veículos da mídia impressa. Prova da perenidade deste modelo de apresentar a notícia que conquistou ouvintes e a própria mídia pela maneira eficaz de transmitir a mensagem. Com o *Esso*, foram implantados no País a síntese noticiosa, transmitida com pontualidade, o texto sucinto, direto, vibrante, aparentando imparcialidade, contrapondo-se aos longos jornais falados, característicos da

época. Com um formato inovador, ele não teve influência, somente, no estilo do radiojornalismo brasileiro, mas, também, nas disputas políticas, ideológicas e culturais.

Além da pontualidade, com O Repórter Esso surge uma nova organização nas emissoras. É adotada uma estrutura inovadora e as rotinas de produção são revisadas, o estilo *american way of life* em detrimento do europeu. A publicidade, os programas, os departamentos, enfim, as mais variadas áreas são afetadas e alteram os antigos perfis.

Não há como negar a importância de O Repórter Esso para o jornalismo brasileiro e mundial. Na atualidade, as principais redes de rádio, de televisão e mesmo na *web* se utilizam, talvez até sem perceber, da estrutura, do formato e das normas expressas pelo manual do noticioso. A organização fordista da notícia, as maneiras de captar a informação e transformá-la em notícia têm seguidores até hoje. Porém, as normas difundidas sempre levam em consideração, pelo menos no caso do Esso, as fontes oficiais, quando, atualmente, qualquer pessoa ou o cidadão comum, como muitas empresas denominam, também pode (e deve) ser a fonte oficial de uma informação.

Referências bibliográficas

- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: As técnicas do Jornalismo**. S.Paulo: Ática, 1990.
- BALSEBRE, Armand. **El language Radiofônico**. Madrid: Catedra, 1996.
- CHANTLER, Paul e HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.
- COPELAND, W. Winston. **Manual Radionoticioso de la United Press em America Latina**. Buenos Aires: United Press Associations, 1944.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2000.
- KLÖCKNER, Luciano. **A Notícia na Rádio Gaúcha: Orientações básicas sobre texto, reportagem e produção**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- _____. **A edição radiofônica no Brasil: aspectos históricos e técnicos**. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azevedo; PICCININ, Fabiana (org.) **Edição em Jornalismo: ensino, teoria e prática**. Santa Cruz: Edunisc, 2006.
- LIMA, Zita de Andrade. Os princípios e técnicas de radiojornalismo. Brasília/DF: Instituto de Ciências da Informação, v. 5, nº 1, ano VI, nº 13, **Revista Comunicações e Problemas**, 1970.
- McLEISCH, Robert. **Produção de Rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 1999.
- MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo**. Florianópolis: Insular/UFSC, 2001.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no Rádio**: Os Grupos de Poder e a Determinação de Conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PARADA, Marcelo. **Rádio**: 24 horas de jornalismo. São Paulo: Panda Books, 2000.

PRADO, Emilio. **Estrutura da Informação Radiofônica**. São Paulo: Summus, 1985.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Radiojornalismo Jovem Pan**. São Paulo: Ática, 1993.